

Apresentação

MARIA THERESA DA COSTA BARROS*

A maior traição, a que é verdadeiramente imperdoável, é quando a gente trai a nós mesmos, quando nós traímos a nós mesmos, nós traímos o nosso próprio desejo, o fato de desistir de uma coisa que é para nós muito importante, essa é a verdadeira traição, a traição de si mesmo, essa é imperdoável, e a gente aliás nunca se perdoa. A gente geralmente quando faz isso e sempre acontece numa vida que a gente renuncia a alguma coisa que queria muito ou porque não é, não parece razoável ou porque todo mundo nos desaconselhou ou porque as circunstâncias tornaram isso um pouco complicado, bom, a gente se sente culpado daquilo para o resto da vida, essa traição sim, acho que é uma questão séria, mas não tem nada a ver com ciúmes.

Contardo Luigi Calligaris¹

Ao escrever vinte anos depois, para a segunda edição de seu livro *Hello, Brasil!* (1991/2011/2021), atualmente em sua terceira edição – o autor fala sobre si mesmo, dirigindo-se aos brasileiros e brasileiras, os nativos deste país

* Psicóloga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Psicanalista, Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Teoria Psicanalítica pelo PPGTP do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pós-doutorado em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social e em Psicologia Social pelo PPGPS do Instituto de Psicologia, ambos pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Formação em Socioanálise pelo Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições (IBRAPSI). Autora de *O Despertar do Budismo no Ocidente: perspectivas para o século XXI*, ed. Garamond, 2014.

1. Declaração de Contardo Calligaris, em vídeo no Youtube

e desta estranha civilização brasileira, vistos neste livro pelas lentes de um psicanalista europeu, com “todo o frescor” do estrangeiro recém-chegado ao país e, seduzido, aqui permaneceu, tornando-se brasileiro por escolha, além de italiano, francês e americano – parece ser a melhor apresentação de Calligaris, por ele mesmo!

Escrever Hello, Brasil! Foi um processo prazeroso, um pouco como organizar um álbum de fotografias de lembranças queridas. E foi também um jeito de explicar para mim mesmo a escolha de me estabelecer aqui.

Além disso, sua escrita e publicação tiveram consequências marcantes na minha maneira de escrever e na minha vida em geral. Depois de Hello, Brasil! (e suponho que por causa dele) comecei a colaborar com a Folha de São Paulo, da qual sou colunista semanal há mais de vinte anos. Duvido que isso tivesse acontecido se, além de falar do Brasil, eu não tivesse tentado reatar no livro com um modo de escrever que tinha perdido durante a minha formação psicanalítica. Explico.

Comecei a escrever (depois de algumas tentativas juvenis em ficção) fazendo colaborações para o jornal L'Unità e seu suplemento cultural semanal, o Rinascita, e também para Utopia, uma revista mensal de cultura política. Além disso, fui convidado a publicar em livro (que seria reeditado várias vezes) a monografia de minha primeira licenciatura sobre Ítalo Calvino. Até então eu escrevia para ser lido por qualquer leitor, não apenas por meus colegas universitários.

A formação psicanalítica na Escola Freudiana de Paris (a escola de Lacan), nos anos 1970, era excelente e instigante, mas uma calamidade em relação à escrita. Os candidatos adquiriam o hábito de escrever não para serem lidos, mas para demonstrar aos colegas que conseguiam manejar a teoria lacaniana e imitar o estilo de Lacan. Era como se exibir a capacidade de usar a criptografia dominante fosse mais importante do que expor os tópicos tratados.

Com Hello, Brasil! comecei a me liberar desse vício, até mesmo porque eu estava no Brasil e me endereçava a leitores brasileiros, que, em sua maioria, eu supunha, estariam pouco interessados em minhas habilidades de criptógrafo psicanalítico.

Ao redigir o livro, eu não me preocupava em ser reconhecido como analista; eu apenas queria contar minhas experiências, meus pensamentos e algumas mudan-

ças na minha vida, como um analisante. Ou seja, eu escrevia para ser escutado, queria deitar no divã e contar minhas primeiras experiências brasileiras.

A moral da história é que Hello Brasil! me permitiu reatar, aos poucos, com meu estilo antigo. A colaboração com a Folha, que se seguiu e foi se intensificando, contribuiu para terminar a transformação.

Metade dela é efeito de minha história, então. A outra metade talvez tenha de ser atribuída à própria língua portuguesa. Para quem fala mais de uma língua, cada uma delas talvez permita uma neurose diferente (por sua estrutura própria e pelo lugar que cada língua ocupa na história da nossa vida). Minha maneira de me expressar, meu “estilo”, escrito e oral, é diferente segundo a língua em que me expresso. Fui alfabetizado em inglês e tentei escrever ficção em inglês. Acabei escrevendo em italiano, depois em francês e agora em português (o que foi totalmente inesperado).

Quais os sintomas diferentes que cada uma dessas línguas produz em mim?

Apenas para indicar a direção na qual eu responderia: o inglês é a língua da Liberação da Itália (do fim da Segunda Guerra, da chegada dos Aliados); o italiano é a língua dos meus pais, mas também a língua na qual eles foram ameaçados e perseguidos pelo fascismo; o francês, a língua do Guide Bleu Hachette, que meu pai sempre carregava consigo e lia exaustivamente nas viagens. E o português é uma língua que aprendi tarde, com a decisão (também inesperada) de vir para o Brasil e, de certa forma, com o projeto de me apresentar aos brasileiros e ser claro.

Volto, porém aos efeitos de Hello, Brasil! na minha vida. O começo de minha colaboração com a Folha não foi a única consequência da publicação do livro; houve outras, que me trouxeram, indiretamente, mudanças.

Em 1993, um editor da Penguin americana, Mark Stafford (a quem eu tinha sido apresentado por um amigo, Marshall Blonsky), gostou do livro e durante certo tempo contemplamos a possibilidade de traduzi-lo para o inglês. O interesse vinha com um pedido de acréscimo, com maior ênfase no Carnaval. Hesitei: atender ao pedido, no fundo, seria aceitar a ideia de que o Brasil deve ser entendido como um lugar exótico.

Bem naqueles anos um dos meus amigos mais próximos, Octavio Souza, escrevia *Fantasia de Brasil* (que seria publicado pela editora Escuta em 1994). Uma ideia central de Octavio era que a fascinação pelo exotismo do outro é quase sempre uma forma disfarçada de racismo. Achar o outro pitoresco, gostar dele por isso, seria como assistir a um daqueles números de circo (hoje, em geral, proibidos) em que os ursos

usavam chapéus de clown e andavam em círculos, montados em uma bicicleta ou em um monociclo. Quando criança, eu preferia os números circenses com animais que sacudiam a jaula e davam medo. Mas essa antipatia pelo exotismo (que é uma maneira de domesticar a diferença do outro) tem um precedente importante em minha história – tão importante que, ao escrever *Hello, Brasil!* eu preferi esquecê-lo. Aqui vai.

Na minha infância, nos anos 1950 e começo dos 1960, eu me sentia humilhado com a imagem da Itália que parecia prevalecer no olhar dos estrangeiros e, paradoxalmente, no dos próprios italianos. Nos estrangeiros, era o olhar do turista à caça de experiências (levemente) exóticas (spaghetti, mandolino, pizza, admiração pelos panos pendurados nas janelas, pelos gritos das famílias brigando, pela circulação dos carros buzinando em Roma ou Nápoles...). Nos italianos, eram risadas dos espectadores diante das comédias de costumes que o cinema nacional produzia profusamente naqueles anos: a Itália achava graça e se reconhecia na extraordinária vulgaridade de sua própria caricatura.

Parte dessa vulgaridade era (e continua sendo) encarnada pelas torcidas de futebol – esporte que é uma paixão comum à Itália e ao Brasil. Deve ser por isso, aliás, que o futebol ficou de fora de ***Hello, Brasil!*** como se na hora de me estabelecer aqui, eu não quisesse enxergar o “exotismo” mais parecido com o da Itália da minha infância. Mas voltemos à publicação do livro.

Em 1994, fui convidado a dar aulas nos Estados Unidos, primeiro na New School de Nova York e depois na Universidade da Califórnia. Nessa época, durante uma conversa com Stafford, surgiu a ideia de que eu escrevesse um *Hello, USA!* no mesmo espírito de *Hello, Brasil!* A proposta de Stafford transformou-se em projeto e foi um argumento cabal para que eu conseguisse em poucas semanas um visto de “estrangeiro de habilidade extraordinária”, que garantiria a residência americana para mim e minha família. Fiquei dez anos em Nova York (com alguns períodos na Califórnia e em Boston). Ou seja, *Hello, Brasil!* foi instrumental para minha permanência nos Estados Unidos entre 1994 e 2004.

Ainda tenho algumas notas que escrevi para *Hello, USA!* e talvez um dia faça algo com elas. O fato, porém, é que nunca poderia ter em relação aos Estados Unidos o frescor que me permitiu escrever *Hello, Brasil!*

(...) Em outras palavras, não teria podido escrever *Hello, Brasil!* se eu já conhecesse o Brasil e se, ao chegar aqui, não fosse totalmente estrangeiro”. (CALLIGARIS, 2021, p. 21-25).

Ainda sobre Contardo Luigi Calligaris... nasce em Milão, na Itália, em 02 de junho de 1948, quando os efeitos da guerra finalizada apenas há três anos se encontravam ainda muito presentes no espaço cotidiano. É o segundo filho de um casal de ativos antifascistas e amantes das artes; seu pai exercia a medicina. Com sua família, viaja muito, visita muitos museus e aprende muitas línguas. Sua chegada ao Brasil se deu em 1986, aos 38 anos, quando vem lançar seu primeiro livro de psicanálise, *Hypothèse sur le fantasme* (Paris, 1983) que teve sua primeira edição brasileira pelas Artes Médicas “*Hipótese sobre o Fantasma na Cura Psicanalítica*” (Porto Alegre, 1986), e, também, realizar palestras. Este acontecimento marca o início de seu percurso no Brasil, onde irá se tornar um dos mais influentes psicanalistas lacanianos, tendo exercido um papel decisivo na fundação da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), da qual se torna seu primeiro presidente em 1989.

Todavia, ao chegar ao Brasil, Calligaris já carrega na bagagem uma sólida e bastante eclética formação tanto acadêmica quanto psicanalítica. Graduiu-se simultaneamente em Filosofia – com concentração em Epistemologia e Teoria do Conhecimento – participando das últimas atividades docentes do fundador da epistemologia genética, Jean Piaget, e, em Letras – com concentração em Crítica e Teoria Literária – onde foi aluno de George Steiner na Universidade de Genève, na Suíça. Em Paris, realizou seu primeiro doutorado em Semiologia, sob a orientação de Roland Barthes, e sua tese sobre Ítalo Calvino foi lançada como livro, e teve várias edições (1973). Nesse período de seus estudos sobre semiologia, Contardo inicia sua análise com Serge Leclaire e leitor dos escritos de Freud, logo se interessa em conhecer o trabalho de Jacques Lacan. Em 1975, se torna membro da *École Freudienne de Paris*, trocando Genève por Paris. Ao ter uma conversa com Lacan sobre o que ele haveria de fazer como membro, Lacan lhe diz: “Vá e se faça conhecer no mundo”!² Em 1981, nasce Maxmilien Calligaris (Max), único filho de Contardo Calligaris e Marion Arnoux, que atualmente é cineasta. Em 1982, Calligaris se encontra entre os cofundadores, sob a

2. RUFFINO, Rodolpho. Uma homenagem do Núcleo São Paulo do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise à Memória de Contardo Calligaris. Disponível em: corpofreudiano.com.br.

liderança de Charles Melman, da *Association Freudienne*, em Paris. Seu livro *Hypothèse sur le fantasme* é publicado (Paris, 1983). Este livro foi enviado por Melman a um grupo de jovens psicanalistas paulistas. Em 1986, Calligaris chega a Porto Alegre, acompanhado de três psicanalistas veteranos da antiga *École de Lacan* e fundadores da *Association Freudienne*: Jean Bergès, Marcel Czermak e Charles Melman. Os trabalhos apresentados por Calligaris, nesses três dias se inserem na nova linha de pesquisa que ele havia inaugurado e que culminará na defesa de seu segundo doutorado (1993). Trata-se de uma abordagem da perversão, segundo a qual é considerada uma patologia do social, e, que se expressaria, apenas secundariamente, como patologia sexual. Em 1986, a editora, Artes Médicas de Porto Alegre, publica a edição brasileira de seu livro, *Hipótese sobre o Fantasma na Cura Clínica* (1986).

Em janeiro de 2020, em uma entrevista concedida à TV Brasil, Calligaris se expressa assim sobre a importância da valorização do cotidiano, justo num momento em que trava uma luta pela Vida: “O sentido da vida é a própria vida. Isso pode parecer uma total trivialidade – mas, para a maioria das pessoas, é um escândalo. Mas pouquíssimas pessoas conseguem viver pensando que o sentido da vida está na vida e, vou dizer mais, é a própria vida”.³

Em 2024, Max Calligaris, responsável pela curadoria e publicação do legado intelectual de seu pai, publica postumamente o livro *O Sentido da Vida* pela editora Planeta (selo Paidós) que ganhou o Prêmio Jabuti Tradicional, na categoria Não Ficção, de Saúde e Bem-Estar. Trata-se de uma obra póstuma e inédita que reúne três textos breves e, também inéditos, sobre a obrigação da felicidade, o “morrer bem” e o sentido da vida. Estes textos foram entregues pelo autor, poucos dias antes da sua morte, em 30 de março de 2021, aos 72 anos de idade.

Em 2022, outro livro, também publicado postumamente, *O Grupo e o Mal. Estudos sobre a Perversão Social*, a tese de doutorado de Contardo Calligaris – cujo título original *Recherche sur la Perversion comme pathologie sociale: la passion de l'instrumentalité* (Pesquisa sobre a perversão como patologia social: a paixão da instrumentalidade) – foi traduzida por Jorge Bastos Cruz e editada pelos

3. Artigo publicado no g1.globo.com SP, em 30/03/2021, noticiando o falecimento do psicanalista e escritor Contardo Calligaris.

psicanalistas e membros efetivos do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, Octavio Souza e Jurandir Freire Costa que além de editor, também prefaciou e autorizou a republicação deste seu prefácio em homenagem a Calligaris na *Conversando com Amigos da Psicanálise 3*, cuja foto da capa traz justamente, Contardo Calligaris ao lado do amigo e psicanalista Octavio Souza.

Em vida, Calligaris publicou numerosas obras que apresentam sua perspectiva de trabalho, dividindo-se entre textos teóricos e de ficção, além de atuar como dramaturgo, e, entre os quais destacamos:

Livros de Psicanálise:

“*Hipótese sobre o Fantasma*” (1983/1986) – seu primeiro livro de psicanálise, publicado em Paris, “*Hypothèse sur le fantasme*”, em 1983, ligado à questão do final de análise. Em 1986, foi publicada uma edição brasileira pela Artes Médicas de Porto Alegre.

“*Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*” (1989) – lançado na França como “*Pour une clinique différentielle de las psychoses*” (1991) – seminários ministrados em Porto Alegre e, posteriormente, publicados em livro.

“*Hello, Brasil! e outros ensaios: Psicanálise da estranha civilização brasileira*” (1991, 2011, 2021) – sobre o qual o autor declara: “*Escrever Hello, Brasil! Foi um processo prazeroso, um pouco como organizar um álbum de fotografias de lembranças queridas. E foi também um jeito de explicar para mim mesmo a escolha de me estabelecer aqui*”.

“*Cartas a um Jovem Terapeuta: Reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos*” (2004) – correspondência ensaística voltada a estudantes e profissionais da área.

“*A Adolescência*” (2001) – sobre a moratória vivida pelo adolescente, enfatiza a adolescência como uma construção cultural e histórica, muito além das mudanças inerentes ao desenvolvimento biocorporal.

“*Crônicas do Individualismo Cotidiano*” (1996) – coletânea de textos da Folha de São Paulo que constituem um ensaio sobre o mal-estar contemporâneo.

Ficção:

“*O Conto do Amor*” (2008) – considerado sua principal obra ficcional, protagonizado por Carlo Antonini, *alter ego* do psicanalista.

“*A Mulher de Vermelho e Branco*” (2011) – romance de 2011, também com Carlo Antonini.

Coletânea de Crônicas:

“Quinta Coluna: 101 Crônicas” (2008) – reunião de mais de 100 crônicas publicadas em nove anos de coluna no caderno “Ilustrada” da Folha.

Como Dramaturgo:

Desde 2014 participou do roteiro da série “Psi”, escrito em parceria com seu filho Max Calligaris, da HBO, produzida por Thiago Dottori e dirigida por Marcus Baldini. Esta série retrata o que se passa tanto dentro como fora de um consultório de psicanálise. O personagem Carlo Antonini foi interpretado pelo ator Emílio de Mello.

Para – *Homenagem a um Psicanalista de Destaque no Cenário da Psicanálise Brasileira: Contardo Calligaris* – convidamos os seguintes amigos e amigas da psicanálise: Max Calligaris; Christian Ingo Lenz Dunker; Jurandir Freire Costa; Luciana Oliveira; Octavio Souza; Pedro Henrique Passos Carné; Robson Freitas Pereira e Rosane Monteiro Ramalho para, na primeira sessão de palavras de homenagem, iluminarem com suas palavras tanto a relevância quanto as múltiplas faces do nosso homenageado. Na seção em tema livre – os amigos e amigas da psicanálise convidados são: Ana Cristina Figueiredo; Carmen Da Poian; Denise Jabour; Giselle Ruzany; João Lembi; Jurandir Freire Costa; Karine Kostuczenko, Daniela Ghislene Figueiredo e José Wnilson Figueiredo; Larissa Leão e João Lembi; e, Luiza Moura.

Palavras de Homenagem

Max Calligaris – *As vidas que não vivemos* – nos transmite a sabedoria recebida de seu pai, o qual – ele próprio reconhece – que só tomou conhecimento de quem verdadeiramente havia sido, em toda a sua extensão, através das infindáveis mensagens recebidas, depois que ele se foi. Mas a transmissão de pai para filho, nem por isso deixou de acontecer, naquilo que de mais verdadeiro e significativo havia para ser compartilhado e recebido.

Christian Ingo Lenz Dunker – *A Dúvida como Critério Ético* – nos revela que “Contardo analisou gerações e culturas com o mesmo carinho no coração e rigor nas palavras. Lúcido, tinha sempre um giro a mais na conversa, uma sacada inesperada, uma piada capaz de fazer você se sentir subitamen-

te íntimo e ao mesmo tempo um estrangeiro em sua própria pele. Ele tinha a fotografia da alma na ponta dos dedos e era um humanista crítico como não existem mais”.

Jurandir Freire Costa – *Em memória de Contardo, amigo que sempre esteve à altura*⁴ – escreve: “Pensar sobre o Mal, após tudo que foi dito sobre os totalitarismos comunista e nazifascista, pode parecer redundante. Não foi esta a opinião de Contardo, que, lamentavelmente, tinha razão. O assunto nem de longe está esgotado. Hoje, assistimos a ascensão em todo mundo de ideologias de extrema direita que parecem ressuscitar pesadelos históricos que julgávamos varridos pelo tempo. O advento de sociedades e culturas autoritárias em pleno século XXI exige, assim, que procuremos entender como “morrem as democracias”, mas também como os indivíduos consentem em aderir à “imoralidade comum”.

Luciana Oliveira – *Homenagem ao Contardo* – deixa um testemunho permeado pela sensibilidade e um afeto ímpar da sua experiência, por mais de vinte anos entre idas e vindas, como analisanda de Contardo: “E me remeto ao papel de um analista na vida de seu analisando: escutar o que o analisando está narrando, seja em palavras ou silêncios. Acompanhá-lo nas andanças da vida. Ao mudar o olhar, muda a relação entre eles, e assim pode-se mudar o mundo dos dois, ou dos que fazem parte daquele enlace, e que podem ser alcançados a partir deste elo”.

Octávio Souza – *O Outro Lado da Avenida* – conta sobre os caminhos de uma grande amizade e seus vários momentos: “enquanto ele escrevia *Hello, Brasil!* e eu escrevia *Fantasia de Brasil*, nossa conversa se fazia por quilômetros de fax entre Porto Alegre e Rio de Janeiro. Falávamos de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Roberto Schwarz, Antonio Candido, Louis Dumont. O Brasil era nosso objeto explícito, mas a conversa logo se estendia a temas que sempre nos interessaram: a fantasia, o laço social, os ideais, a colonização e seus efeitos subjetivos”.

Pedro Henrique Passos Carné – *Haveria uma dimensão filosófica nos textos de Contardo Calligaris?* – ao propor esta questão enquanto pesqui-

4. Prefácio do Livro: CALLIGARIS, Contardo. *O grupo e mal: estudo sobre a perversão social*. São Paulo: Editora Fósforo, 2022.

sador das obras de Calligaris, Pedro Henrique pega o leitor pela mão e o conduz de forma atenta e cuidadosa através do pensamento calligariano, um feliz encontro, do qual destacamos a seguinte passagem: “A ideia (ou a esperança) de que haja aliados prestes a nos ajudar dentro de uma praça-forte na qual queremos penetrar é uma suposição habitual no trabalho de um psicanalista ou de um psicoterapeuta. O termo de aliança terapêutica um pouco antiquado e caído injustamente em desuso não fala de outra coisa: mesmo no lugar mais defendido, mais aparentemente hostil a qualquer intervenção e projeto de mudança, deve existir uma quinta-coluna adormecida – algo, um pensamento, uma lembrança, um afeto que é possível despertar e com o qual o terapeuta pode contar para mudar as coisas” (CALLIGARIS, 2008, p. 10).

Robson Pereira – *Contardo, Atualidade e Memória* – conclui o depoimento sobre seu percurso de formação e amizade com Calligaris dizendo o seguinte: “Há um aforismo lacaniano que diz que o psicanalista é um mestre que não faz discípulos. Então, o mais importante me parece ser como nos apropriamos de um legado, de uma formação, de uma história que nos precede e da qual somos contemporâneos simultaneamente. A psicanálise não prescinde de um cosmopolitismo, tampouco desta formação que leva em conta sua fortuna crítica e os fundamentos de outras disciplinas, outras fontes de saber. Parafraseando o poeta (Carlos Drummond de Andrade): o psicanalista tem que ser um sujeito cultivado. Mesmo no sec. XXI o inconsciente, assim como a democracia, está para ser realizado, não há completude, nem verdades eternas. Precisa da sustentação das pessoas, dos próximos e da falta que fazem alguns. Esperamos estar à altura da tarefa”.

Rosane Monteiro Ramalho – *Contardo Calligaris e uma psicanálise viva* – nos fala da sua experiência de compartilhar com Calligaris o momento da fundação da APPOA: “Conheci Contardo Calligaris em 1986, quando ele veio a Porto Alegre junto com outros psicanalistas vindos de Paris – Charles Melman, Marcel Czermak, Christiane Rabant-Lacôte – para uma semana de atividades psicanalíticas. Todos, na época, eram membros da Associação Freudiana Internacional (hoje, Associação Lacaniana Internacional). Contardo passou a vir ao Brasil com certa regularidade, e eu, uma jovem iniciante nos estudos de psicanálise, acabei participando de vários seminá-

rios que ele ministrou, fiz supervisões, e por um bom tempo também me analisei com ele. Participei dos seminários que resultaram no seu famoso livro *Introdução a uma Clínica Diferencial das Psicoses*, e me tornei membro da APPOA – a Associação Psicanalítica de Porto Alegre, desde seu início, na qual Contardo foi o primeiro presidente”.

Tema Livre

Ana Cristina Costa de Figueiredo – *Estratégias de Difusão do Movimento Psicanalítico no Rio de Janeiro – 1970/1983*, Dissertação de Mestrado – PUC-Rio, 1984 Capítulo III – *Segundo Período da Difusão: Reorganização do Movimento (1977/1983)*.⁵ – quando se refere à crise da SPRJ, uma tentativa de atualização da psicanálise, a autora afirma: “A inclusão neste trabalho de um tópico com este título requer alguns esclarecimentos. Quando utilizamos o termo crise, admitimos que ele se refere à eclosão de uma situação disruptiva que resulta de conflitos institucionais internos que, em determinado momento, tornam-se insustentáveis. Mas queremos assinalar que ele também se refere a determinadas estratégias de retomada do processo institucional que forcem a caracterização de uma ‘crise’ para poderem se implantar definitivamente. Em outras palavras, o que vai mal precisa dar lugar ao novo projeto que vai bem e, desse modo, assegurar a importância e legitimidade que sempre foram atribuídas à SPRJ. Sobre isso convém fazer duas ressalvas: 1) essa situação não é privilégio – ou defeito – desta Sociedade, ao contrário, fala-se muito em crises institucionais referidas a outras Sociedades. 2) a crise não deve ser tomada como a crise da psicanálise como um todo, uma vez que não a entendemos como um saber monolítico sujeito a desvios que gerariam as crises”.

5. O texto original foi atualizado no que se refere às datas e, consequentemente, aos tempos de verbo, mantendo o tempo presente como estilo de narrativa, mas indicando o período histórico em que se desenvolveram os acontecimentos. Incluímos um novo item ‘Para Concluir’, visando trazer para os dias de hoje alguma atualização da questão sobre a difusão da psicanálise e as novas ameaças de sua descaracterização e conspiração de seus princípios e mesmo de sua ortodoxia.

Carmen Da Poian – **O Ódio** – a autora aborda o afeto do ódio tanto do ponto de vista individual quanto do social: “Do ponto de vista individual levarei em conta a reflexão estritamente freudiana sem, entretanto, entrar na questão das tópicas, embora elas aí estejam presentes. Importa dizer isto pois há outras visões, também psicanalíticas, onde a visão do ódio é bastante diferente. Do ponto de vista social, vou alargar a visão freudiana e ver o ódio ligado à intolerância, à injustiça e também à inveja. Essas características podem dar margem ao aparecimento da violência, transbordamento do excesso pulsional que ocorre quando o ódio não encontra suporte nem direção para sua força e quando a palavra que poderia dizê-lo não é dita ou não é escutada”.

Denise Cipriano Jabour – **Conversando Com os Amigos de Clarice Lispector** – a respeito de seu ensaio, explica: “Isto é para esclarecer que não escrevi nenhuma tese sobre Clarice e nem tenho a pretensão de psicanalisá-la, e sim compartilhar e divulgar a pesquisa, que foi despertando e amadurecendo o meu interesse por essa escritora, que me deu muita satisfação, fruição e que inicialmente era movida apenas pelo que dizia Freud⁶: *O prazer efetivo com uma obra de ficção surge a partir de uma liberação da mente*. Assim me permiti ser informal e me dei a liberdade de escrita, inspirada numa das características mais marcantes do meu objeto de estudo. E por fim uma citação atribuída a Roland Barthes me autorizou a prosseguir: *O escritor é alguém que combina citações eliminando as aspás*”.

Giselle Ruzany – **O Corpo, suas memórias, suas sabedorias** – ao apresentar seu percurso muito singular e original, a autora destaca os seguintes passos: “O objetivo deste artigo é apresentar as várias fases do meu processo de profissionalização integrando o corpo dentro do trabalho de psicoterapia e pesquisa. Começo descrevendo o meu entendimento do corpo a partir da minha formação em dança que propiciou um lugar de autoconhecimento. E, em seguida, descrevo o percurso que fiz por várias abordagens, teorias e cursos para o desenvolvimento do conhecimento de que o corpo, com suas memórias e sua sabedoria pode ser integrado tanto no tratamento em uma prática clínica quanto nas atividades de pesquisa”.

6. Freud, S. Escritores Criativos e Devaneio.

João Lembi – *O Idiota* – o autor, neste ensaio de enlaces entre literatura e psicanálise, propõe questões fundamentais para expansão e democratização das Clínicas Públicas na Psicanálise Brasileira: “Pode-se brincar e dizer que o poeta, literato, médico, psicanalista que de Minas veio para o Rio, reunia um pouco da humanidade de Jesus Cristo, sonhos de Dom Quixote, utopias de Francisco de Assis. Vivia em estado de paixão. Atraiu inveja, foi depreciado como profissional da saúde mental, criticado por sua forma original de manejar a abstinência. Por ter tido a sensibilidade de criar uma Clínica Social de Psicanálise, foi intimado a retirar o nome Psicanálise da revolucionária obra, “conspurado” com o social, o legado de Freud repartido para todos, não apenas para os apaniguados dos cifrões. Não recuou! Quanto à teoria freudiana, a forma simples e didática de expô-la, granjeou-lhe a pecha de superficial, embora tenha avançado, sem precedentes, com a doutrina no campo social, podendo chamar-se Patrono da Psicanálise Brasileira Socialmente Compromissada”.

Jurandir Freire Costa – *Não mais, não ainda: a palavra na democracia e na Psicanálise* – chama atenção para a seguinte questão e seus desdobramentos, tão atuais: “Redescrever, por conseguinte, é sempre inaugurar, ou seja, contrastar o que é dito com o que se conhece, para mostrar o caráter inédito daquilo que é falado de uma nova maneira. É aqui que surge um dos grandes obstáculos à atividade criadora da palavra e, por extensão, ao exercício da democracia e da psicanálise. O novo, a “metáfora viva” como a definem Davidson e Rorty, não somente pode subverter o conhecimento daquilo com que estamos familiarizados como pode não trazer nenhum sentido imediatamente articulável à prática corrente da linguagem. A metáfora pode simplesmente incitar à mudança, mas sem exigir ou acarretar acréscimos cognitivos. Começar é, às vezes, propor enigmas e despertar perplexidades”.

Karine Kostuczenko, Daniela Ghisleni Figueiredo e José Wnilson Figueiredo – *Contribuições de Frantz Fanon e Paulo Freire para emersão de uma educação antirracista* – afirmam: “O presente trabalho tem como objetivo apresentar reflexões a respeito do racismo em um contexto da presença das diversas formas de colonialismos e colonialidades no mundo, de modo geral, e no Brasil, de maneira particular. Para tanto, vamos nos apoiar nas

obras de Fanon e Freire, devido ao fato de que esses autores propõem uma pedagogia aportada numa ética do reconhecimento a todas as alteridades mediante à assunção do acolhimento a todas as pessoas que buscam a superação do racismo de distintos matizes. Ao mesmo tempo, anunciar outro mundo sustentado no diálogo crítico em meio ao reconhecimento das diferenças culturais é nosso intento. A metodologia escolhida neste trabalho é de natureza qualitativa e bibliográfica. A pesquisa propiciou concluir que o diálogo dos ideários de Freire e Fanon é relevante para consecução de uma educação antirracista”.

Larissa Leão de Castro e João Batista Lembi Ferreira – *Repertir o pão da psicanálise: de Freud a Hélio Pellegrino, a história recalcada das Clínicas Públicas de Psicanálise e sua urgência no presente* – traçam um percurso que de 1918, em Budapeste, à contemporaneidade de uma Psicanálise Brasileira, a afirmação de uma Psicanálise como pedra fundamental nas Políticas Públicas de Saúde, é uma conquista a ser implementada: “Se a história europeia das Clínicas Públicas de Psicanálise foi longamente obscurecida, sua reaparição no Brasil não se deu como simples repetição tardia, mas como retomada criadora em outro tempo histórico, sob outras violências e outras urgências. É nesse ponto que a figura de Hélio Pellegrino revela a sua singularidade. Sua presença no campo psicanalítico brasileiro não se reduz à de um autor original ou de um clínico de grande alcance, ela se inscreve como a de alguém que recolocou a psicanálise diante de sua vocação pública, em um país marcado pela ditadura, pela desigualdade extrema, pelo elitismo institucional e pela violência sistemática contra pobres, negros, disidentes e loucos. Reabrir a trilha de Hélio é, portanto, mais do que restituir uma memória injustamente enfraquecida, é reconhecer que, entre nós, a tradição inaugurada por Freud em 1918 encontrou uma forma própria de sobrevivência, de reinvenção e de combate”.

Luiza Moura – *Ferenczi e Winnicott: os antiprocustianos* – traça um percurso histórico sobre os desenvolvimentos do manejo clínico nos começos da psicanálise, dialogando com os principais autores implicados nessas questões: Freud, Ferenczi e Winnicott. A metáfora do divã de Procusto destaca os limites e a necessidade de se fazer novos avanços para ampliar o alcance da prática clínica. A clínica do cuidado, da empatia e do “sentir

com” irá se contrapor então à posição clássica da abstinência. Das divergências entre Ferenczi e Freud podemos inferir que se por um lado, este último é visto como mais voltado para pesquisa e investigação, adotando uma postura mais científica, por outro lado, Ferenczi, com suas preocupações a respeito de uma teoria da clínica, é visto como o precursor de inovações e mudanças em direção a uma clínica psicanalítica mais empática, as quais ganham continuidade com Winnicott.

Referências

CALLIGARIS, C. *Quinta-coluna (101 crônicas)*. São Paulo: Publifolha, 2008.

_____. *Hello, Brasil e outros ensaios: psicanálise da estranha civilização brasileira*. São Paulo: Fósforo, 2021.

Comissão Editorial

Maria Theresa da Costa Barros

mtcostabarrosgmail.com

Presidente Prudente – SP - Brasil

Laila Berman

laila.berman.santos@gmail

Rio de Janeiro – RJ - Brasil